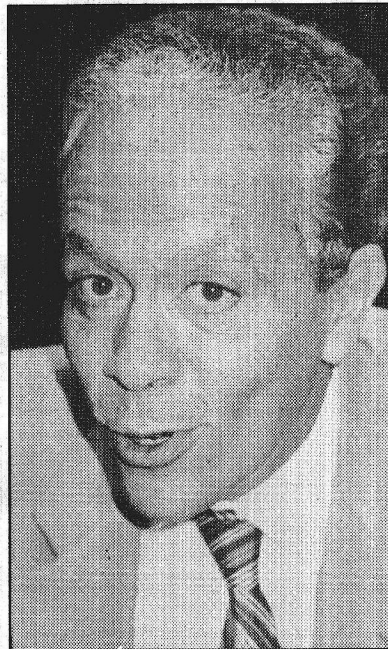


PPR muda ritmo da dança partidária no Congresso

Cláudia Moema

Em poucos momentos da vida do Congresso Nacional se viu um furacão tão forte quanto o PPR de Paulo Maluf. Em outros tempos, surgiram, seja a partir de fusão ou pelo abandono de siglas, partidos com futuros que pareciam promissores, como, recentemente, o PP, fruto da fusão entre PST e PTR, ou o PSDB, de um racha do PMDB que, como o PPR, já chegou sendo a terceira bancada, muito embora, na época, tenha começado com pouco mais de 40 deputados. Mas desde a criação do PFL, coincidentemente um partido que nasceu como a segunda força do Congresso para derrubar Maluf no Colégio Eleitoral, nenhuma outra agremiação conseguiu a façanha de surgir com 72 deputados e dez senadores. Caso semelhante na História recente brasileira, só mesmo o PDS, a origem do PPR que, por sua vez, herdara os quadros da Arena, o mesmo ocorrendo com o PMDB em relação ao MDB, após o bipartidarismo imposto pela ditadura militar.

A corrida ao partido de Maluf se deveu ao apelo, por ele mesmo lançado, de construir um partido federativo, isto é, nacionalmente estruturado e forte, para viabilizar candidaturas nas eleições casadas do próximo ano. Raciocinou Maluf que os políticos, desejosos de se reelegerem em 1994, embarcariam no novo partido porque suas candidaturas seriam puxadas pela cabeça da chapa, no caso, o próprio prefeito de São



Alves não teme pelo PTB, mas Valle (PL) critica “aliciamento aéreo”

Paulo. A facilidade com que se trocou de legenda nos últimos dias, porém, não é nenhuma novidade. Embora, neste episódio, alguns parlamentares tenham mudado duas vezes de partido em menos de duas semanas — eram deputados e senadores de outros partidos, que não PDS e PDC, e a um destes se filiaram para depois integrarem o PPR, podendo, assim, fazer parte da nova diretoria.

Mudanças — A velha dança partidária, expressão muito comum no parlamento, tem sido bastante acentuada na atual legislação, que mal acaba de entrar

em sua metade final. Em pouco mais de dois anos, o Congresso viu duas fusões, com a extinção de quatro legendas — PP, da fusão do PST com o PTR e o PPR, da fusão do PDS com PDC; a mudança de uma sigla — PCB em PPS; o desaparecimento de um partido — PMN; e o surgimento de outros dois — PV e Prona. Sem falar no troca-troca entre as legendas existentes e, disso, pouquíssimos partidos ficaram imunes, mesmo assim, se examinado em apenas uma das Casas — Câmara ou Senado —, porque inalterado em número e em nome, nas duas, não houve um só caso.